

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS. O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”

f Emancipação Socialista

(11) 98702-4048

www.emancipacaosocialista.org

Nº 8 15/01 a 14/02 de 2020

R\$ 2,00

BOLSONARO E PAULO GUEDES ASSASSINOS DE DIREITOS



**PLANO DE PRIVATIZAÇÃO ENTREGA
AS EMPRESAS MAIS RENTÁVEIS**



**CRESCER ASSASSINATOS DE
INDÍGENAS**



**FORA ESTADOS UNIDOS DO
ORIENTE MÉDIO!**

DA SÉRIE “PARECE PIADA, MAS É SÉRIO”

“OS LIVROS HOJE EM DIA, COMO REGRA, É UM MONTÃO. UM AMONTOADO. MUITA COISA ESCRITA, TEM QUE SUAVIZAR AQUILO”

Frase de Bolsonaro na obsessão por formas de educar mais alienantes e que mostra não entender nada de Educação, mas, ainda assim criticou o educador Paulo Freire



O QUE ROLA PELA LUTA DE CLASSES

Trabalhadores franceses e o exemplo na luta contra a Reforma da Previdência

Os trabalhadores franceses não deram trégua ao governo de Emmanuel Macron que tenta aprovar a Reforma da Previdência. E conseguiram uma vitória inicial com a retirada da medida que aumentava a idade mínima de 62 para 64 anos exigida para se aposentar.

Mesmo assim, até o fechamento dessa edição, mantiveram a mobilização iniciada em 05 de dezembro que já contou com greves gerais e parciais, barricadas e outros métodos de luta radicalizados, pois sabem que se aprovada essa Reforma terão que trabalhar mais tempo para se aposentar e vão ganhar menos. Você já deve ter ouvido essa história...

O recuo do governo ocorreu em 11 de janeiro, dia de fortes manifestações e paralisações em várias cidades francesas. E a retirada desse ponto mais polêmico foi mais uma tentativa de dividir o movimento, uma vez que a CFDT (central sindical que engloba a maioria dos trabalhadores franceses) viu com bons olhos a medida. A CGT (outra central sindical) manteve a mobilização em suas bases, ainda que fale em negociar.

As bases sindicais – principalmente os trabalhadores do setor de transportes como trens, metrô e ônibus, vanguardas desse processo – precisam se manter mobilizadas com trabalhadores em ação cotidiana para evitar qualquer traição.

Assim como no Brasil, onde Paulo Guedes teve interesse pessoal na aprovação da Reforma da Previdência pelo seu envolvimento escandaloso com fundos de pensão, lá na França o artífice da Reforma, Ministro Jean-Paul Delevoye, também se viu encrencado ao ser denunciado pela omissão em sua declaração de renda de seu envolvimento com organizações de previdência privada. Ou seja, o capital financeiro coloca seus agentes em altos postos governamentais para que trabalhem em seu favor contra o povo.

A disposição de luta dos trabalhadores franceses mostra que é possível derrotar os ataques dos governos com forte mobilização nas bases, nas ruas e com vigilância nas tentativas de traição de direções sindicais.

Bem diferente do que aconteceu aqui no Brasil em 2019 com a aprovação do texto principal da Reforma da Previdência em que continuou o mesmo marasmo havendo ainda a PEC Paralela que estenderá as medidas aprovadas aos servidores públicos estaduais e municipais.

O exemplo de luta dos trabalhadores franceses e seus métodos de enfrentamento dos problemas – como essas reformas, que afetam a vida e aumentam a miséria para continuar sustentando o capital – precisamos seguir e nos organizar nesse sentido porque já temos exemplos de sobra de que não podemos repetir erros e esperar apenas ações parlamentares ou jurídicas.

EXPEDIENTE

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

O jornal **CONSCIÊNCIA DE CLASSE** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativistas de esquerda mesmo de caráter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista

é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência o marxismo, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo para a análise da realidade e da luta prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaosocialista.org

Censura pela porta da frente

O grupo humorístico Porta dos Fundos faz anualmente seu especial de Natal com sátiras sobre histórias bíblicas. No fim de 2019, a sátira trazia um Jesus gay. Pronto!

Essa foi a senha para que pastores fundamentalistas iniciassem uma campanha para retirar o programa do ar.

E isso quase ocorreu com a decisão do desembargador Benedicto Abicair, da 6ª Câmara Cível do TJ do Rio de Janeiro, ao atender a pedido da Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura, que entrou com recurso contra decisão de primeira instância que já havia negado a tentativa de censura.

Na sua decisão, o desembargador entendeu ser o pedido “adequado e benéfico, não só para a comunidade cristã, mas para a sociedade brasileira, majoritariamente cristã, até que se julgue o mérito do Agravo, recorrer-se à cautela, para acalmar ânimos”.

Isso depois da produtora Porta dos Fundos ser atacada por coquetel molotov lançado por um fundamentalista que se

refugiou na Rússia.

A homofobia ainda reinante na sociedade não permite que uma travesti possa ser “crucificada” e que Jesus possa ser gay.

E o fundamentalismo de pastores neopentecostais que causou a histeria em parcela da sociedade tem como exemplo o Deputado Marco Feliciano, que gasta R\$ 157 mil de recursos públicos em seu tratamento dentário ao mesmo tempo em que tenta retomar o comportamento humano pautado pelas religiões como na Idade Média.

A censura que insiste em entrar pela Porta da Frente e atenta contra a liberdade de expressão tem encontrado eco em parcela da sociedade porque o governo Bolsonaro, por diversas vezes, já se colocou em oposição às conquistas da população LGBT.

Felizmente, uma outra parcela da sociedade brasileira já está um pouco mais amadurecida e foi possível evitar essa censura com uma decisão do STF. Seguimos em luta!

Austrália em chamadas e Dia do Fogo no Brasil

Desde setembro passado os incêndios não cessam na Austrália. Até o fechamento dessa edição, 27 pessoas já haviam morrido e perdas irreparáveis na fauna e flora seguiam acontecendo.

Os incêndios que têm se tornaram frequentes em solo australiano foram impulsionados pelas mudanças climáticas no planeta e também por intensas atividades da indústria madeireira na região, é a natureza reagindo à violenta ganância capitalista.

O governo local tem sido muito criticado pela demora em agir e até por negar as alterações no clima enquanto o fogo se alastra.

Um dado que chamou a atenção durante essas queimadas, aqui no outro lado do mundo depois de a fumaça atravessar os territórios do Chile e da Argentina e chegar no Rio Grande do Sul, foi a quantidade de focos de incêndio lá e cá.

E aqui, ainda assim, houve a tentativa do Governo Bolsonaro de utilizar os incêndios australianos para minimizar os impactos dos incêndios na Amazônia, mesmo tendo sido divulgado e denunciado por alguns meios de comunicação que latifundiários e agronegócio eram protagonistas e promoviam o criminoso “Dia do Fogo” na região amazônica. É muita cara de pau!

UM PROJETO EDUCACIONAL QUE NÃO SERVE PARA A CLASSE TRABALHADORA

A Educação pública (creches, escolas, técnicas, institutos, universidades) é uma das necessidades básicas de crianças e jovens da classe trabalhadora. E a sua garantia é uma das obrigações básicas de qualquer governo federal, estadual e municipal.

Garantir a Educação pública é uma das formas de utilização do dinheiro público arrecadado anualmente com impostos, taxas, multas, etc. que pagamos cotidianamente e somaram mais de 3 trilhões de reais em 2019, superando anos anteriores.

O aumento na arrecadação de impostos nos faz observar algumas questões que nos afetam: uma é o paralelo aumento dos preços e outra é a inversa redução de verbas destinadas para a Educação pública, realizada pelos governos.

Em 2019, enquanto a arrecadação aumentava (e deveria servir para suprir as necessidades da Educação pública) os governos aplicavam cortes de gastos básicos, papel, merenda, bolsas de pesquisa, infraestrutura, etc. em muitos cantos do país. Mantinham o investimento mensal médio para a maioria dos alunos em torno de R\$ 500,00. E davam encaminhamentos para fechamento de salas de aula, cursos, escolas e faculdades.

EMPRESÁRIOS, MILITARES E GOVERNOS CONTRA A EDUCAÇÃO PÚBLICA

O governo federal bloqueou verbas das universidades públicas e buscou interferir diretamente na produção de conhecimento, formação, aspectos pedagógicos, etc. Tentou fechar cursos e de imediato aplicar o Future-se (programa que obriga a universidade pública criar formas de arcar com seus próprios gastos vendendo serviços e “invenções”).

Situação que permanecerá já que, embora tenha ocorrido o desbloqueio de verbas, para aplicação desse programa seguem a regularização das OSs (que receberão os recursos públicos para aproximar o empresariado da universidade), a mudança na forma de contratação de docentes e a possibilidade de cobrança de mensalidade na pós-graduação.

Para a Educação Básica pública (infantil, fundamental e médio) não é diferente. Há a possibilidade de fim do FUNDEB, fundo que libera verba para estados e municípios vinculada ao número de matrículas.

E publicou o Decreto 10.134 /19 que transfere a responsabilidade de construção, modernização e operação de creches e pré-escolas para a iniciativa privada, através das PPPs, que receberá recursos públicos. Assinou o Projeto de Lei 2401/19 que regulamenta a Educação Domiciliar em que pais e tutores assumem o papel de professores dos filhos, em local fora da escola, após garantido cadastro no Ministério da Educação.

E já instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, liberando R\$ 54 milhões para pagamento de salários dos oficiais (militares, agentes, policiais e bombeiros) das 54 escolas indicadas pelo país, já com início em 2020.

ESTADOS E MUNICÍPIOS VÃO ACELERAR A PRIVATIZAÇÃO E A MILITARIZAÇÃO

Os governos em vários estados não agiram diferente, mesmo com importantes mobilizações, e continuarão aplicando as várias medidas para “readequação” do corte de verbas das redes públicas com destino à iniciativa privada, São Paulo e Rio de Janeiro são exemplos:

Em São Paulo, Dória, desde o início de governo, tenta fechar salas de aula, períodos noturnos e até escolas sem diminuir o número de alunos na rede. Tem tentado também reduzir salas nas ETECs. Assim, mantém salas superlotadas e busca garantir o mesmo repasse de verbas do governo federal.

Além disso, busca aprofundar a Reforma do Ensino Médio e a BNCC, aplicar o programa NOVOTEC, INOVA e o programa PEI em algumas escolas estaduais junto com as técnicas (com o discurso fajuto de que o aluno passará o dia todo na escola estadual e obterá conhecimento técnico) sem investir um centavo a mais no cotidiano das escolas. Mas, busca as OSs, parcerias com Institutos como o Airton Senna, empresas como International Paper Brasil, etc.

Aderiu à Escola Cívico-Militar, mesmo com discurso de necessidade do combate às drogas e à violência. Apenas em Campinas uma Escola Municipal ainda busca iniciar o ano letivo adotando seleção de alunos, normas, padrão de vestimentas, etc. desse tipo de escola que contará com verba de R\$ 1 milhão para pagamento de oficiais.

Contudo isso ainda seguiu, até os últimos dias do ano, tentando aprovar a Reforma da Previdência do estado, a qual irá retomar enquanto não estiver aprovada. Em vários municípios segue a aprovação do “Voucher Creche” ou a Bolsa Creche para quem não conseguiu vaga em creche pública, usar na rede privada.



UM PROJETO EDUCACIONAL CONTRA OS INTERESSES DA CLASSE TRABALHADORA

Os discursos sobre crise econômica e sobre a necessidade de cortes de verbas públicas desde a Educação Infantil até a pós-graduação, associados aos discursos de funcionamento das universidades e das escolas com suas “ideologias” (balburdia, violência, drogas, marxismo, etc.) e aos discursos de notas de avaliações externas nos vários níveis de ensino, que circulam juntos são, de fato, mais que discursos ou ações isoladas. São partes da construção de um projeto/modelo educacional para o país que têm avançado, embora com alguma resistência.

Não é de hoje a necessidade de setores da burguesia e seus governos de “atacar vários problemas com uma só mira”. E o corte de verbas públicas para a Educação pública, que está na mira, garante seu sucateamento ao mesmo tempo em que:

- ⚡ “fortalece” vários setores do empresariado (até dos investidores nas Bolsas de Valores), com as PPPs e OSs, tanto com a intensificação de privatizações e terceirizações quanto com privilégios de fornecimento;
- ⚡ busca construir uma Educação pública conservadora (sem autonomia financeira e didático-pedagógica, militarizadas mais de 200 até 2023, com temas investigados, livros revisados) necessária para a destruição da produção intelectual-científica (reservada apenas para uma pequena parcela) e necessária para ditar quem deve estudar, trabalhar ou morrer.

- ⚡ permite adequar condições de trabalho docente às Reformas já aprovadas com o aumento de horas e dias de trabalho sem aumento de salário como já em São Paulo e adequar também ao mercado, ansioso para cobrir as vagas que impõem e necessitam de professor tipo Uber, centrado nas avaliações externas e antissindical.

Esse projeto educacional não nos serve. A classe trabalhadora (mães, pais, professores e estudantes) que necessita de Educação pública não pode apenas olhar tudo isso acontecer e esperar resultados positivos.

Diminuição de verbas, fechamento salas de aula; intensificação da precarização, da divisão e hierarquização; imposição do modelo autoritário de gestão estão na contramão da vida com o mínimo de dignidade e do que o mercado de trabalho exige da maioria da juventude, mesmo oferecendo muito pouco.

É necessária e urgente a construção de forma organizada, em unidade e anticapitalista de uma agenda nacional de luta que considere o que está em execução contra a totalidade da Educação pública também nos estados e municípios!

Necessitamos de um projeto educacional que atenda as necessidades da classe trabalhadora de conjunto e não o que está em construção para atender empresariado, militares e seus governos!

A Educação pública não pode ser moeda de troca e sua constante e necessária luta não pode estar submetida à agenda de governos, deputados e vereadores!

Necessitamos de verbas públicas para a Educação pública! Necessitamos de uma Educação pública autônoma, democrática e laica com condições de trabalho e de estudo para atingir qualidade e reduzir violência!



LUTAR CONTRA BOLSONARO, MAS PRINCIPALMENTE CONTRA O PROJETO QUE ELE REPRESENTA

2019: UM ANO DE LUTAS E DERROTAS

A situação da classe trabalhadora é resultado de sua luta com a burguesia, a luta de classes, na verdade, uma guerra desproporcional. Mas, na maioria das vezes, a classe trabalhadora não tem consciência dessa situação, enquanto a burguesia sempre tem.

E nessa guerra, no ano passado, a burguesia conseguiu impor importantes derrotas à classe trabalhadora como aprovação da Reforma da Previdência, o aprofundamento da Reforma Trabalhista, a retirada de verbas da Universidade Pública e ainda mais direitos.

As derrotas nunca são boas e é importante reconhecê-las para nos preparar para as próximas batalhas.

2020: A AGENDA DO GOVERNO É DE MAIS ATAQUES

Privatizações, que entregarão o pouco que resta de público para as empresas. Estão na lista a Casa da Moeda, o Serpro (que tem dados pessoais de milhões de brasileiros), Companhia das Docas de São Paulo, Correios, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, 8 refinarias da Petrobrás, o SUS, etc.

Para o funcionalismo público, que segundo Paulo Guedes é responsável pela grave situação do país, os planos são: acabar com a estabilidade, pôr fim aos concursos públicos e terceirizar, possibilidade de redução salarial, etc.

Estados e municípios deverão obedecer ao teto dos gastos públicos, ou seja, os investimentos em serviços públicos como Saúde e Educação não poderão aumentar além da inflação. A qualidade das escolas, dos hospitais e do transporte público irá piorar ao continuar sem verbas.

Na Educação, além da falta de verbas em todos os níveis, as escolas “cívico-militares” tendem a se ampliar em todos os estados como um projeto educacional hierarquizado e de controle político e ideológico sobre a juventude.

A Reforma Trabalhista de 2017 já significou um grande golpe contra a classe trabalhadora e a criatividade de Bolsonaro e Paulo Guedes para continuar golpeando não tem limites. A MP 905, chamada “carteira verde-amarela” (salário de até R\$1500, empresas não pagam contribuição previdenciária, depósito e

multa de FGTS menores, etc.) é outro duro golpe aos direitos conquistados com nossa luta.

No campo, o agronegócio e o latifúndio, especialmente a pecuária, avançam sobre terras indígenas e quilombolas desmatando e queimando. E os que resistem estão sendo assassinados. Outro objetivo é tomar terras para mineração de ouro e outras pedras preciosas. Essa mineração é toda controlada por traficantes que atuam no mercado clandestino. Os órgãos de fiscalização estão sendo enfraquecidos de propósito para deixar o caminho livre para essa turma.

UM PROJETO QUE NÃO TEM COMO SER DERROTADO NAS URNAS

O governo Bolsonaro pode ser explicado pela necessidade que a burguesia brasileira tem de aprofundar a exploração e o controle sobre a classe trabalhadora para manter lucros.

Não se trata de mais uma política econômica de um novo governo, mas de mudanças estruturais no Estado e nas relações de trabalho, melhorando o ambiente para os capitalistas retomarem suas taxas de lucro. E, diferente dos governos petistas, a implementação das medidas tem pouca ou nenhuma mediação. Trata-se de um projeto que, se finalizado, representará uma derrota difícil de ser revertida pela classe trabalhadora. Não é por acaso que a repressão está cada vez mais intensa e o aparato policial tem sido fortalecido. Tãmanha exploração precisa de mais repressão.

Importante essas demarcações porque este ano terá eleições municipais e aumentará a pressão para o abandono das lutas por direitos com o fortalecimento da “saída eleitoral contra Bolsonaro”, pressão que virá principalmente do lulopetismo e das correntes que o apoia

Pura ilusão. **Primeiro** porque o petismo é oposição somente a governo e não a esse projeto (mesmo com algumas mediações e ritmos), inclusive já aplica as mesmas medidas de Bolsonaro e Paulo Guedes na Previdência em vários estados que governa. **Segundo** que para derrotarmos um projeto político-econômico desse

tamanho necessitamos do fortalecimento das lutas em cada local e nas ruas. **Terceiro** que não é hora de limitar as lutas, é hora de radicalizar para que a classe trabalhadora de conjunto se organize e compreenda a necessidade de derrotar a burguesia, sob pena de entrarmos em tempos de profunda miséria.



FUNCIONALISMO PÚBLICO PREPARA GREVE GERAL para 18 de março

Como parte do desmonte dos serviços públicos para facilitar a privatização, Bolsonaro e Paulo Guedes elegeram os funcionários públicos como principal inimigo.

Acusados de privilegiados, muitos direitos e salários altos, na verdade, esses trabalhadores são os responsáveis por manterem funcionando, mesmo sem verbas, os hospitais, escolas, universidades e transportes públicos. Trata-se de uma manobra para jogar a população contra esses trabalhadores e os serviços.

Quem está em situação privilegiada são os Juízes, promotores, delegados federais e políticos (que fazem parte do 1% mais rico do Brasil), mas nem Bolsonaro e nem Paulo Guedes irão mexer com esses setores porque são parte do esquema para atacar nossos direitos.

A Reforma Administrativa, que está sendo wencaminhada, atacará profundamente os direitos do funcionalismo

público com o fim da estabilidade e da progressão automática por tempo em algumas carreiras, redução salarial (principalmente com terceirização), redução do número de carreiras, restrição ao direito de greve, dentre outras.

Para enfrentar essas medidas uma Greve Geral do funcionalismo está marcada para o dia 18 de março. É uma iniciativa importante, mas greve de apenas um dia é insuficiente.

Precisamos de um plano que envolva formas de organização na base das categorias, construção de fóruns unificados e também a realização de um Encontro Nacional de Base do Funcionalismo de todas as áreas para unificar a luta nacionalmente e abrir espaço para trabalhadores/as da base decidirem os rumos do movimento. Não podemos depender da burocracia sindical organizar o calendário e as lutas para avançarmos, temos o exemplo na luta contra a Reforma Previdenciária.

PREPARAR A GREVE CONTRA A REFORMA PREVIDENCIÁRIA NOS ESTADOS

Em São Paulo, Dória já apresentou o projeto de Reforma da Previdência para o funcionalismo público. Basicamente segue o mesmo modelo aprovado no Congresso Nacional. Dentre outros pontos, aumentará a contribuição previdenciária para 14%, a idade mínima subirá para 62 anos (mulher) e 65 anos (homem).

Junto com essa Reforma enviou outro projeto transformando a remuneração do servidor em subsídio. Quem optar por esse modelo deixará de receber quinquênio e sexta-parte que serão acrescidos ao salário conforme o tempo de trabalho, não poderá incorporar vantagens por conta de cargos de chefia, etc.

A ideia de Dória era aprovar ainda em 2019. Mas, a pressão do funcionalismo e algumas contradições com o Judiciário (concedeu uma

liminar suspendendo a votação) o obrigaram a recuar. No entanto, assim que retomar o ano legislativo, vai tentar votar esses projetos.

Para o funcionalismo público só resta o caminho da luta nos locais de trabalho e da mobilização nas ruas. E na Educação não pode ser diferente, embora com direções sindicais majoritárias que representam obstáculos na luta como a imobilista Articulação Sindical no sindicato dos professores da rede estadual (APEOESP), é fundamental a unidade entre professores e a comunidade escolar.

Por isso, retomar o diálogo sistemático com a população e organizar a luta para tomarmos as ruas em cada estado são urgentes na preparação da Greve Geral que supere direções traidoras e abra condições para vitórias da classe trabalhadora em 2020.

PRIVATIZAÇÕES DE BOLSONARO E PAULO GUEDES ENTREGAM AS EMPRESAS MAIS RENTÁVEIS

Paulo Guedes como fiel seguidor do liberalismo – corrente econômica e política que defende a “não intervenção do Estado na economia” para que o mercado se autorregule – não perde tempo e tem buscado privatizar e entregar a riqueza nacional. Em outra oportunidade faremos a crítica da farsa liberal/neoliberal, pois não é possível o capitalismo existir sem a intervenção do Estado na economia e na vida das pessoas seja com retirada de direitos, salvando empresas, regulação da economia, repressão, guerras, etc.).

Com base nisso a burguesia não quer empresas ou serviços que dão prejuízo e só compram as lucrativas, com risco zero. As privatizações são negócios tão generosos que muitas dessas privatizações são financiadas com dinheiro público, ou seja, o Estado atuando na economia, a juros baixíssimos como no caso dos empréstimos do BNDES.

Em relação às estatais nem precisaríamos gastar tinta aqui para explicar como são lucrativas mas, para termos ideia de algumas que estão na mira imediata das privatizações, juntas Petrobrás, Eletrobras e Banco do Brasil tiveram lucro líquido de R\$ 52 bilhões somente entre janeiro e setembro do ano passado.

A privatização é isso. Depois de construir com dinheiro público, tanto os serviços quanto as empresas públicas, são repassadas para empresas privadas. E o que deveria ser utilizado para uma melhor qualidade de vida e programas sociais é entregue para o lucro consumado.

Não podemos esperar do Estado capitalista outra coisa, a razão de sua existência é favorecer ricos e poderosos. E Paulo Guedes e Bolsonaro, na luta de classes, seguem exatamente esse caminho contra a classe trabalhadora.

EMPRESAS NA LISTA DE PRIVATIZAÇÕES

✦ **Bancos públicos:** A Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil são como a cereja do bolo, pois a privatização vai significar o controle completo do mercado financeiro pelos bancos privados, que já dominam mais de 60%. Só Itaú, Bradesco e Santander controlam quase 40% das operações financeiras.

O domínio completo pelos bancos privados significa que vão ficar livres para aumentar taxas de juros e valores de serviços bancários. Como esses bancos concentram suas operações nas maiores cidades, as pequenas e mais distantes não terão atendimento bancário, o que prejudicará outra vez os mais pobres.

✦ **Correios:** As empresas privadas estão de olho nas operações mais rentáveis como o serviço de encomendas e as entregas de cartas, os serviços em regiões mais distantes do país serão prejudicadas.

✦ **Casa da Moeda:** Responsável pela emissão de dinheiro e documentos oficiais como passaportes. Uma área de segurança do Estado que passará para uma empresa privada controlar.

✦ **Telebrás:** Responsável por telecomunicações, inclusive opera com serviço de fibra ótica e com um satélite.

Empresas privadas vão ter controle desse setor importante para segurança nacional.

✦ **Dataprev:** Controla mais de 34 milhões de benefícios previdenciários. As empresas querem os dados (renda, empréstimos, etc.) dessas pessoas.

✦ **Serpro:** A empresa que comprar terá os dados de praticamente toda a população brasileira, pois processa dados para o setor público, inclusive Receita Federal.

✦ **Emgea** (Empresa Gestora de Ativos): gere os ativos da União e de entidades integrantes da administração pública federal, incluindo as carteiras de operações de crédito do governo.

✦ **Codesp** (Companhia Docas que administra o Porto de Santos): além de ser o maior complexo portuário da América Latina, é base do tráfico internacional de drogas controlada pelo PCC. A privatização só vai facilitar a atuação de grupos criminosos.

Além dessas empresas têm a **Ceagesp** (abastecimento e armazenamento de frutas, legumes, verduras e pescados em São Paulo), **ABGF** (gestão de Fundos Garantidores como a de indenização de poupanças em caso de quebra de bancos) e a **Ceitec** (área de semicondutores, ligado à microeletrônica).

ESTADOS SEGUEM A MESMA TOADA

Os governos estaduais estão na mesma direção. Vários estados já avançaram nos processos de venda das estatais, fazendo concessão de estradas, linhas de trem ou metrô, saneamento básico e distribuição de água, como a CDAE no Rio de Janeiro e a distribuição de gás e energia elétrica no Rio Grande do Sul. Em São Paulo, além de empresas e vários serviços, Dória quer privatizar o sistema penitenciário com um custo superior ao modelo atual.



O desmonte da Petrobrás

Com o pré-sal, o Brasil tem uma das maiores reservas de petróleo do mundo. Uma riqueza que se estivesse sob controle dos trabalhadores poderia propiciar muitas conquistas sociais. Mas, a realidade é bem diferente.

A Petrobrás a cada dia perde seu caráter público desde o fim do monopólio nos anos 90, com a privatização de vários pontos de extração (governos Dilma e Bolsonaro) que permite grupos privados controlarem a maior parte das ações e com a venda de subsidiárias e refinarias.

Só no ano passado a Petrobrás entregou o controle de três empresas:

✦ **Liquigás:** vendeu a totalidade de sua participação;

✦ **TAG** (Transportadora de gás natural): detinha o controle e vendeu 90% das ações;

✦ **BR Distribuidora** (distribuição de combustíveis): com a sucessiva venda das ações a participação caiu para 37,5%

É POSSÍVEL DERROTAR AS PRIVATIZAÇÕES

As privatizações dos anos 90 contaram com o apoio popular, isso permitiu aos governos entregar muitas das principais empresas estatais e demitir milhares de pessoas. Hoje, o resultado é conta de luz mais cara, preço alto do gás de cozinha, pouca ou nenhuma verba para vários serviços públicos já em péssima qualidade, dentre outros problemas.

Agora, a maioria das pessoas é contra as privatizações. Segundo o Datafolha, 67% das pessoas são contra vender essas empresas. E estão contra também os trabalhadores dessas empresas, que têm realizado resistências. Essas duas questões são muito importantes para a unidade de nossa luta. No momento do fechamento dessa Edição, os trabalhadores ocupavam a Casa da Moeda que está na lista das privatizações. Esse é o caminho, pois só com a radicalização poderemos derrotar o projeto desse governo da burguesia.



A OFENSIVA DO CAPITAL CONTRA OS POVOS ORIGINÁRIOS E O MEIO AMBIENTE

O ano de 2019 foi marcado pela escalada de violência nas áreas rurais, onde estão as reservas indígenas, quilombolas, ONGs e movimentos sociais ligados ao meio ambiente e a luta pela reforma agrária. É a concretização das ameaças feitas por Bolsonaro de expulsar os povos originários de seus territórios. Na verdade, o projeto é de etnocídio, ou seja, destruição dos povos indígenas e sua cultura.

A ofensiva conservadora no país coloca em risco o modo de vida indígena por meio de vários mecanismos, como o avanço da fronteira agrícola, a grilagem de terras e até a atuação de grupos missionários, principalmente os de origem neopentecostal, que camuflam, conforme a mídia alternativa, o tráfico de crianças indígenas, retiradas do convívio da aldeia para serem entregues a casais de grandes cidades.

Para concretizar esse projeto várias lideranças indígenas que lutam pela demarcação de seus territórios têm sido assassinadas por capatazes dos latifundiários, do agronegócio e até pela polícia, todos de alguma forma estimulados pelo governo Bolsonaro.

MINERADORAS, GRILAGEM, MADEIREIRAS NA AMAZÔNIA

Não é de hoje que o Brasil tem suas riquezas saqueadas e os povos da floresta atacados, em um esquema que conta com a proteção de vários governos. Foi assim na Ditadura Militar e continuou com a “abertura democrática”. Uma ação encoberta pelo verniz da democracia burguesa, a democracia que não existe para os explorados.

Esse terreno vem sendo preparado há muito tempo. A PEC 215 (de 2000, em tramitação) propõe transferir ao Congresso Nacional a decisão de

homologar as terras indígenas, o que significaria, além de mais embaraço nas demarcações, abrir os territórios indígenas para ação do agronegócio, que é extremamente destrutiva. Até esse momento conseguiram barrar a aprovação dela.

Com os governos petistas a demarcação pouco avançou, principalmente pelo fato de não quererem contrariar o agronegócio. Temer, para satisfazer sua base de apoio no Congresso Nacional, avançou sobre as terras indígenas. A extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados, em 2017, abriu caminho para a atuação de mineradoras multinacionais na região amazônica. Também facilitou a ação do garimpo ilegal, controlado por grupos milicianos.

O governo Bolsonaro, ainda mais reacionário e diretamente contra os povos indígenas e quilombolas, aprofunda esses ataques, defendendo o fim das demarcações de terra e abertura desses territórios para o plantio e extração de minérios. O Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, condenado por improbidade administrativa em fraude por crime ambiental e ligado ao agronegócio, está na linha de frente contra esses povos.

A exploração de minérios na região amazônica é uma política que coloca os povos originários sob risco imediato, tanto por perda do seu espaço natural de vida quanto o risco de morte por ação de grileiros, latifundiários e do aparato estatal. Também o meio ambiente da região amazônica será profundamente atingido, pois há riscos de resíduos da mineração atingirem as nascentes e leitos de importantes rios da bacia hidrográfica comprometendo a qualidade da água, como já ocorreu com a barragem

Barcarena no Pará.

No fim do ano passado Bolsonaro assinou a MP 910, facilitando e ampliando o prazo para legalização da posse de terras públicas griladas e, outra vez, suspendendo a demarcação de terras indígenas e quilombolas e paralisando a Reforma Agrária, medidas que contam com o apoio entusiasta dos latifundiários e do agronegócio.

O DESMATAMENTO

Ano passado a região amazônica enfrentou as mais altas taxas de queimadas e exploração de madeiras dos últimos anos. A história do desmatamento da Mata Atlântica se repete hoje na Floresta Amazônica e explicita um projeto atual de destruição da floresta com a cumplicidade não só de dirigentes de órgãos públicos de fiscalização, mas também do governo Bolsonaro. Segundo nota do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), cerca de 30 caminhões de madeira são retirados todos os dias das terras Guajajaras e 60% de vegetação nativa já foi desmatada.

O Instituto Socioambiental divulgou, em 2018, que a região amazônica do Maranhão foi alvo de intenso desmatamento e degradação ambiental, quando 70% do bioma já foi desmatado. Só na TI Araribóia, da tribo Guajajara, foram 24.698 hectares desmatados até 2017. No município do Arame, dos 25% de florestas restantes a maior parte incide sobre o território do município onde se localiza o território indígena Geralda/Toco Preto, de 19 mil hectares.

2019: O ANO DO FOGO

No ano de 2019, segundo o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), houve o aumento de 30% na prática de queimadas, o que colocou em risco a fauna e a flora da floresta amazônica e vidas humanas, principalmente nas terras indígenas, que o principal alvo de milícias do agronegócio.

O desmatamento, as queimadas e as ações humanas, como a do “Dia do Fogo”, determinaram o aumento do número de queimadas, chegando a cerca de 30.901 focos, provocando a degradação ambiental e atingindo cinco biomas monitorados pelo INPE: a Amazônia (maior concentração de queimadas), o Cerrado, a Mata Atlântica, o Pampa (onde houve aumento do



número de queimadas) e o Pantanal.

O “Dia do Fogo” ocupou importantes noticiários nacionais e internacionais, chamou a atenção de ambientalistas e organizações pelo Meio Ambiente, o que criou uma forte pressão internacional sobre o governo brasileiro.

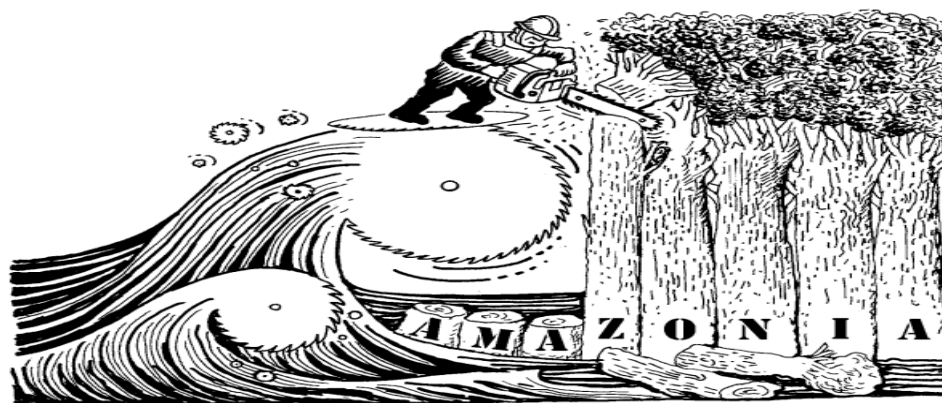
Diante disso, Bolsonaro foi obrigado a editar um decreto suspendendo o uso “descontrolado” do fogo em todo território nacional por 60 dias. Mas depois, mostrando o descaso com o meio ambiente, editou outro decreto liberando o uso de queimadas em atividades agrícolas relacionadas à colheita e autorizadas por órgão ambiental estadual e fora da Amazônia Legal durante o período de 60 dias.

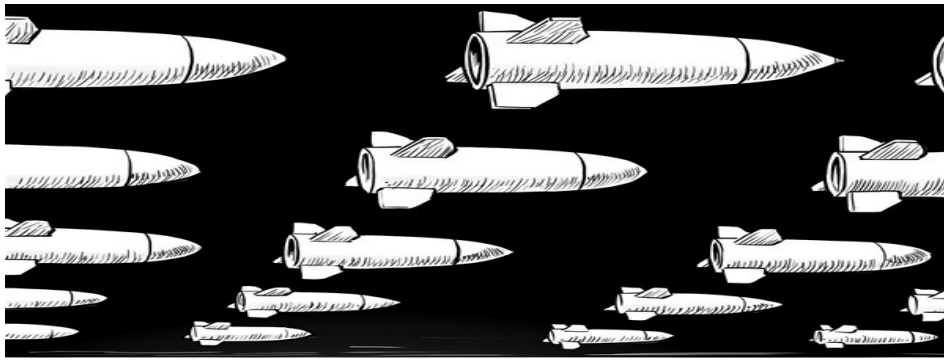
PROBLEMAS QUE POVOS INDÍGENAS ENFRENTAM É POR CONTA DO CAPITAL

Essa realidade de dizimação, de desumanização e de violência impulsionada pelo agronegócio e pelo governo que os povos indígenas sofrem se explica pela forma de o capital se reproduz e busca seus lucros. O processo de reprodução do capital, ainda mais com a crise estrutural, implica necessariamente em um amplo processo de destruição das forças da natureza e conseqüentemente dos povos que dependem dela para o seu modo de vida.

Por isso, sob o capitalismo —em qualquer governo— os povos indígenas vão continuar enfrentando esses problemas. É da lógica do sistema. Entre a vida e o lucro, o capital fica com o lucro.

Só com o fim da exploração do capital e a instauração do socialismo poderemos garantir a preservação do meio ambiente, da vida e dos costumes dos povos originários.





O ano de 2020 mal começou e o mundo já se estremeceu com as desavenças dos governos dos Estados Unidos e do Irã, após o assassinato do General Qasem Soleimani em Bagdá, atingido por drones estadunidenses. O general iraniano era comandante da força de elite Al Quds da Guarda Revolucionária iraniana, com forte papel de liderança e chefe das ações do Irã no exterior, como na Síria e no Iraque e de assessoria do grupo Hezbollah no Líbano.

Esse ataque foi uma resposta à ocupação da área da embaixada estadunidense em Bagdá por membros de um grupo pró-Irã, ação que por sua vez era uma resposta ao bombardeio dos Estados Unidos contra bases militares do “Brigadas do Hezbollah” no Iraque e na Síria, grupo apoiado e financiado pelo Irã. Foram 25 mortos.

Após o assassinato de Soleimani, uma importante figura no regime dos Aiatolás, as tensões aumentaram. Desde então foram vários mísseis contra as duas bases estadunidenses no Iraque e também forças iraquianas pró-Estados Unidos, até o momento, sem deixar mortos. Para tensionar ainda mais, no mesmo dia um avião do Irã com destino à Ucrânia foi derrubado por mísseis, matando as 176 pessoas a bordo. O próprio governo iraniano reconheceu ter atingido o avião, mas, segundo ele, por erro humano.

Entre todos esses episódios, muitas ameaças e alertas de uma nova guerra na região e a repercussão mundial, a situação voltou a normalidade de guerras verbais e disputas diplomáticas. Por parte dos Estados Unidos aumentaram as sanções contra o Irã. Já o Irã retomou o programa nuclear, suspenso por um acordo multilateral envolvendo vários países da Europa e o próprio Estados Unidos.

UMA REVOLUÇÃO ABORTADA E TRAÍDA PELOS AIATOLÁS

Irã, uma das maiores reservas e produtores de petróleo do mundo, ao longo do século XX, foi muito controlado

primeiro pelo imperialismo inglês que explorava o petróleo e retribuía apenas 16% de combustível.

A primeira movimentação contra o imperialismo foi a nacionalização do petróleo realizada pelo primeiro-ministro Mohamed Mossadeq e que teve como resposta o Golpe de Estado organizado diretamente pela CIA e com apoio dos ingleses, derrubando o primeiro governo eleito e restaurando a monarquia no país, o Xá Mohamed Reza Pahlevi. É quando os Estados Unidos passam a mandar no país e explorar a riqueza do país.

O ódio contra os Estados Unidos foi a base da Revolução Iraniana de 1979 derrubando a Monarquia e expulsando as forças estadunidenses. Uma Revolução extremamente progressista pelo seu caráter nacionalista e anti-imperialista, foi desviada para um caráter religioso por sua direção fundamentalista, fundando um Estado teocrático profundamente reacionário e onde imperam leis de controle sobre toda a população, principalmente contra mulheres e a população LGBTTT.

NEM BURGUESIA FUNDAMENTALISTA E NEM IMPERIALISMO

Por essas questões de imediato nos declaramos como oposição ao regime dos aiatolás. Ainda que mantenham certa independência em relação aos Estados Unidos e a Israel (representante diretos dos interesses imperialistas na região), são governos capitalistas e autocráticos,



FORA ESTADOS UNIDOS DO ORIENTE MÉDIO!

sem garantias democráticas para a classe trabalhadora.

Mas, em se tratando de um ataque de um país imperialista contra a soberania do povo iraniano não podemos ter nenhuma dúvida em condenar a ação terrorista dos Estados Unidos que visa sim o Irã, mas também serve como ameaça aos povos da região que se levantam contra os seus governos, como foram as recentes manifestações dos iraquianos.

Nos colocar contra os Estados Unidos e condenar o ataque não significa nenhum alinhamento ao governo iraniano, pelo contrário, defendemos uma ação independente da classe trabalhadora contra os seus exploradores “interno” e “externo”. Essa é a tradição dos revolucionários não separar a luta contra as burguesias nacionais da luta contra o imperialismo, até mesmo porque essas burguesias não são consequentes no enfrentamento ao imperialismo.

Caracterizar países que não aceitam serem dominados como terroristas tem sido uma política dos Estados Unidos há muitos anos, como forma de justificar ações militares e bloqueios econômicos contra esses países. Cuba, Coreia do Norte e Irã são considerados como o “eixo do mal”, em outros momentos já teve Líbia, Iraque, entre outros. Assim, todas as suas ações (as mesmas que criticam) não se consideram terroristas também.

São lastimáveis os danos que os EUA já realizaram nos mais diversos países do Oriente Médio e de regiões próximas, como Iraque, Síria, Líbia, Egito, Palestina, Iêmen e um longo etcétera. Por trás estão os interesses nas enormes jazidas de petróleo nestas

terras.

Por essas razões é importante desmascarar a farsa de Trump e de seus aliados (como o presidente brasileiro), denunciando-os como assassinos e exigindo que tirem suas patas da região. Ao mesmo tempo estamos ao lado da classe trabalhadora desses países em suas lutas contra as “suas burguesias”, contra a exploração e toda forma de opressão.

Nesse sentido, é importante que a classe trabalhadora brasileira, americana, iraniana e pelo mundo saiba que esse tipo de conflito e de disputa não é para reduzir a exploração e a miséria sobre esses povos, ao contrário, é a destruição de forças produtivas para os capitalistas manterem seu poderio e o sistema.

BOLSONARO: LACAIO DO IMPERIALISMO

No Brasil, Bolsonaro manteve o discurso arrogante e enfático (como sempre) de manter-se fiel ao imperialismo, se colocando em apoio absoluto à Trump, diferente da tradição diplomática brasileira de neutralidade nesses conflitos. Inclusive chegou a declarar o Irã como um país terrorista.

Em vários outros assuntos internacionais o governo Bolsonaro – com um Ministro das Relações Exteriores ignorado na diplomacia mundial - tem se aliado incondicionalmente aos Estados Unidos. Foi assim, por exemplo, na tentativa de golpe na Venezuela promovida pela oposição burguesa de Guaidó.

Essa é mais uma demonstração de que nenhum setor da burguesia brasileira (e seus lacaios, como Bolsonaro) seriam capazes de enfrentar o imperialismo, pois mantém com ele uma relação de subordinação econômica que também se manifesta na política. É um comportamento de todos os governos, mas reconhecemos que Bolsonaro é o mais submisso de todos, chegando a um ponto de se humilhar.

✦ Fora Estados Unidos do Oriente Médio!

✦ Retirada imediata de todas as tropas e bases militares estadunidenses da região!

✦ Pela autodeterminação dos povos da região!

✦ Contra todo regime ditatorial que massacra os povos no Oriente Médio!

OLAVO DE CARVALHO NA TV ESCOLA: QUANDO O OBJETIVO É CONFUNDIR

Em dezembro de 2019 a TV Escola lançou a série **Brasil: A última cruzada**. Com o objetivo de retratar nossa História sob viés ultraconservador a série foi realizada pela produtora Brasil Paralelo, entidade de capital privado. Ao longo dos seis episódios exorta os “cidadãos de bem” a contribuírem financeiramente para acabar com o que chamam de Marxismo Cultural.

O MEC não contribuiu para o empreendimento e a TV Escola, ligada a esse ministério, não se responsabiliza pela qualidade do programa.

UMA TEORIA PARA JUSTIFICAR UMA TEORIA

Quem assiste a série é logo apresentado à certa “teoria” de que o Marxismo Cultural, cujo principal expoente seria o filósofo italiano Antonio Gramsci, teve êxito em um único lugar do mundo: aqui, no Brasil.

Segundo os cientistas políticos, jornalistas e filósofos entrevistados a Esquerda traçou um plano de tomada do poder a partir do fim da Ditadura Militar e sua disseminação foi feita através de ideias, livros e produções culturais como músicas, novelas e filmes. O Marxismo Cultural, conforme é colocado, abandonou o ideal de revolução e tem ligação direta com a Escola de Frankfurt.

Em um vídeo também de dezembro do ano passado, Olavo de Carvalho (obviamente, um dos “especialistas” que participa dos episódios) levanta a possibilidade de ter sido Theodor Adorno quem compunha as músicas dos

Beatles. Tal ideia não é apenas ingênua, é irresponsável. Adorno considerava o jazz, gênero ancestral do rock, um fenômeno de “regressão da capacidade auditiva” associado à Indústria Cultural que tanto criticava.

O programa afirma que o Marxismo Cultural foi tomando as instituições do Estado até, enfim, chegar ao poder executivo. Na série o PT é entendido como um partido de Esquerda que pretendeu consolidar o Comunismo em nosso país, conforme é atualmente alardeado pelos correligionários de Bolsonaro.

Comunismo nessa série, portanto, passa a ser compreendido como um conjunto de programas sociais e direitos muito mal assegurados junto às parcerias público-privadas.

Nenhuma reflexão é feita baseada na leitura de processos revolucionários ou de autores. As inverdades e informações baseadas em leituras superficiais perpassam todos os seis episódios.

UMA TEORIA PARA RECONTAR UMA HISTÓRIA

A estratégia portuguesa da época das Grandes Navegações é elogiada e obviamente os portugueses chegam com excelentes intenções civilizatórias. O “surgimento” do Brasil é abordado como obra capitaneada pelo sujeito europeu. Revoltas, etnocídio e genocídio dos povos que aqui viviam e dos que vieram para cá escravizados são omitidas em toda a na narrativa.

Em um dado momento fala-se em “raças” e são citadas a ibérica, a nativa e a africana como formadoras do Brasil. Tamanha imprecisão não deve passar despercebida a nenhum estudante instruído em nossas escolas desse período da “Hegemonia” da “Esquerda” no país! E se hoje os jovens aprendem que biologicamente não existem raças, aprendem também que podem ser citados os grupos étnicos que participaram da formação nacional.

O alcance intelectual do programa é tão especulativo que africanos são pensados como grupos homogêneos e também os indígenas. E sob o termo índio centenas de povos muito diferentes culturalmente se agregam. Vieram para cá povos de religiões, idiomas e

desenvolvimentos socioeconômicos variados. Omitir essas características é contar uma História única, colonizada e, portanto, reducionista.

A Cruzada, termo que a própria ultradireita brasileira escolheu para definir seu movimento belicoso e fundamentalista, cabe para demonstrar que liberais como PSDB também contribuíram para o que consideram como “Hegemonia da Esquerda”. Para isso, colocam no mesmo âmbito o PT de 2002 a 2016 e o neoliberalismo de 1994 a 2002. Poderíamos até considerar as semelhanças que a sempre fracassável política de conciliação de classes tem com o modelo francamente burguês, mas a Cruzada ultraconservadora tem outras facetas que merecem destaque.

O continuum percebido não é apenas nos últimos seis mandatos presidenciais. Getúlio Vargas é incluído nesse mesmo espectro, embora chamado de caudilho. O Nazifascismo e o Stalinismo (erroneamente chamado de Comunismo) são retratados como semelhantes. Explicar o Nazismo como uma doutrina de Esquerda é deturpação da ultradireita, já conhecida por todos.

Como é de se esperar, a Independência é apresentada como um ato de coragem de Pedro I e a Abolição da Escravatura como um desejo de uma moderna nobreza disposta a sacrificar o trono pela liberdade “desses homens”.

MANIPULAÇÃO PARA SILENCIAR E CONTROLAR O OPRIMIDO

Nesse momento das aulas, o entrevistado é um cientista político negro que afirma que o Movimento Negro quer, mas não pode, apagar o papel da Princesa Isabel. Nunca se pretendeu apagar a assinatura da lei. As lutas de quilombos, fugas de escravos, manifestações religiosas não cristãs e a capoeira que são ocultadas em cada capítulo da série.

Em um dos episódios, Olavo de Carvalho referindo-se à antropofagia e à poligamia de indígenas afirma que um povo com esses hábitos não é um primor de moral”. E não há nenhum esboço de compreensão do significado dos costumes na nossa sociedade. No lugar disso usa-se o termo “moral” de



maneira religiosa.

Ao final dos seis episódios concluímos que esse programa sim é destinado à doutrinação. E toda a prática acusada de Marxismo Cultural (entendido como exposição da História não apenas pela ótica das classes dominantes) é alvo dessa cruzada ideológica.

Concluímos também que Cruzada é um termo realmente adequado para a série. As Cruzadas consistiram em movimentos destinados a propagar a fé cristã levando morte e submissão a judeus e muçulmanos na Idade Média. Eram doutrinas e vistas como invasões militares pelos povos do Oriente Médio.

Assim, há uma Cruzada ultraconservadora no Brasil com a tentativa de manipulação para se dizer que temos uma História bonita, de miscigenação já que não tivemos guerras de independência como no Peru, México, etc.

Busca-se a manipulação para tentar justificar a Escravidão com a alegação de que “a África também era escravista”.

Busca-se a manipulação para tentar fazer crer que a “América Pré-Colombiana era isolada e vivia integralmente na Pré-História”.

Busca-se a manipulação para tentar mostrar que o Brasil de Bolsonaro está “retornando aos valores verdadeiros e do bem”.

E, na verdade, o que já podemos apontar e sem manipulação é que estamos caminhando para um outro e profundo retrocesso social com um moralismo hipócrita e com uma tentativa de silenciamento da classe trabalhadora, que já mancharam a História do Brasil em outros períodos e que o governo de Bolsonaro tenta impor e das mais diversas formas.

